

LION – UMA JORNADA (PEDAGÓGICA) PARA CASA: ALGUNS ATRAVESSAMENTOS

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

Ana Karyne Loureiro Furley - PPGE-CE/UFES/CAPES

anakaryneloureiro@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6736589692524594>

Gabriel Silva Nascimento- PPGE-CE/UFES

tilgabriel@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6809535589391676>

Hiran Pinel PPGE - CE/UFES/CAPES

hiranpinel@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8940226139303378>

Lucyene Matos da Costa Vieira Machado

lumatosvieiramachado@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6809535589391676>

José Raimundo Rodrigues

educandor@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0054461655991890>

RESUMO

Este texto tece reflexões sobre possíveis atravessamentos provocados pelo filme “Lion – uma jornada para casa” (2016, direção de Garth Davis) aos olhares de concluintes do curso de Pedagogia de uma faculdade particular de Vitória – ES. Desta forma, os temas pedagógicos são retomados a partir de uma perspectiva que considera o cinema como espaço-tempo que produz experiência, considerando o filme e o espectador como sujeitos atuantes e envolvidos pela magia da grande tela. A metodologia usada consistiu na participação de uma exibição comercial do filme seguida de debate em sala de aula. Considera-se, pois que, “Lion” pode propor uma jornada pedagógica e contribuir para que os estudantes de Pedagogia façam aproximações entre as diversas disciplinas da licenciatura e a saga vivida por Saroo.

Palavras-chave: Pedagogia; cinema; experiência.

INTRODUÇÃO

Arte e realidade se complementam. Sem realidade, a arte não faz sentido, sem arte, a realidade não tem significado.

(Bahman Ghobadi, cineasta iraniano).

O cinema tem sido estudado por pesquisadores da Educação de diversas formas. Ora investigado como um dispositivo-filme que pode dar subsídios para compreender a realidade educacional (escolar e não escolar), ora na aprendizagem e desenvolvimento de professoras e de professores. Também pode-se contar com a representação/ percepção que determinadas películas fazem/ constroem/ inventam sobre professores, diretores etc., conceito de baderna e violência, preconceitos, bem como começam aparecer estudos sobre os processos educacionais de ser cineasta, ator, fotógrafo de cinema, vestuário, música etc. O cinema está, pois, se desvelando uma significativa ferramenta de investigação científica na área da Educação, Pedagogia etc. (XXX, 2013; TEIXEIRA; LOPES, 2007, CARVALHO, 2017; SOBROZA, 2013 – dentre outros).

O encanto provocado pelo cinema envolve o telespectador, repercutindo em sua vida de forma inimaginável. Acreditamos que o atravessamento de um filme permite ao espectador vivenciar momentos de encontro com a realidade proposta pela película, mas, sobretudo, o encontro com as realidades que habitam nossa interioridade e aquelas com as quais diuturnamente nos deparamos.

O filme “Lion – uma jornada para casa” conta a biografia de um garoto indiano que se perde dos familiares aos cinco anos e passa o restante de sua vida jovem e adulta com o desejo de reencontrar sua mãe e irmãos. Filmes dessa natureza têm o potencial de ganhar espectadores e são construídos com fórmulas que anseiam ganhar prêmios da indústria cinematográfica. Entretanto, apesar disso, Lion se constitui numa obra que abre perspectivas para a reflexão, em particular, aquela que se relaciona com a Pedagogia.

Embora se trate de um filme que não aborda explicitamente o tema da educação, não se constituindo como uma obra que tem por objetivo refletir sobre esse universo; Lion, ao tratar da realidade de Saroo envolve o espectador em geral, mas aqui, particularmente, aquele estudante de Pedagogia. Os atravessamentos que ora se apresentam são resultado de uma experiência de aproximação entre cinema e Pedagogia, proporcionando aos estudantes a experiência de ir ao cinema, entrarem em contato com um público diverso, acolherem o filme e se disporem a refletir a partir dele.

Atravessamentos são produzidos justamente por interpelações que provocam reflexões. O presente texto retoma principais pontos do filme, a partir das questões que podem dialogar com o curso de Pedagogia. Em tempos tão temerosos em relação à educação e ao seu futuro, uma obra como “Lion” contribui para se retomar a coragem de ser, de construir histórias, de buscar raízes, de se reencontrar os vínculos mais profundos que unem cada humano.

O cinema: possibilidades de experiências a partir do olhar pedagógico

Assistir a um filme é mergulhar em uma obra que, certamente, consegue tocar o espectador das mais diversas maneiras. O cinema, com sua magia de som, luz e sombra, tem o poder de provocar nosso olhar. Não há um olhar pronto ou pré-definido para observar e perceber o mundo. No cotidiano, em meio às inúmeras atividades, nosso olhar é capaz de selecionar o que vê, movido talvez, pelas diversas pressões, deixando com que determinadas cenas sejam invisibilizadas. Elas estão ali, próximas a nós, entretanto, não são vistas, percebidas. O cinema provoca então o olhar para cenas que nem sempre se costuma olhar.

Sempre levamos em conta que os estudantes de Pedagogia trazem consigo inúmeros desejos de ver a escola transformada, emancipada, entretanto, carregam também subjetivações do ser professor constituídas pelas suas experiências escolares. Ir ao cinema é em si uma prática que questiona o lugar e a estética do aprendizado. A turma que participou desta atividade era constituída por 45 concluintes do curso de Pedagogia ofertado por uma faculdade particular de Vitória – ES no período noturno e matriculados na disciplina de Avaliação Educacional. As idades variavam entre 19 e 56 anos, sendo que a maioria dos estudantes concilia ainda trabalho remunerado e estágio obrigatório.

Ao poder se reclinar em uma cadeira de cinema, ao silenciar-se num processo de concentração, ao permitir que imagem e som os toquem, os futuros pedagogos/professores experimentam que há outras formas de se aprender que podem envolvê-los e conduzi-los a reflexões que surgem, pouco a pouco, como círculos na água após uma pedra lançada. Nota-se uma “necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que se poderia muito bem denominar educação estética” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 15).

Propõe-se aqui a obra cinematográfica que ao explicitar um olhar sobre dada realidade pode dialogar com a Pedagogia, possibilitando pela sensibilidade uma reflexão sobre as práticas docentes em seus diferentes níveis. Arriscar-se a assistir a um filme é estabelecer conexões daquela obra com aquilo que se vive e se experimenta. Assim, o filme cria condições de possibilidade para as mais diversas percepções pedagógicas.

Para Merleau-Ponty, a percepção pode ser considerada como

o que nos é dado é um caminho, uma experiência que esclarece a si própria, que se retifica e prossegue o diálogo consigo mesma e com o outro. Portanto, o que nos arranca da dispersão dos instantes não é uma razão acabada, é – como se disse sempre – uma luz natural, nossa abertura a alguma coisa. (2011, p. 56).

A experiência de olhar para a tela gera um movimento de volta do olhar para si. “Olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si” (CHAUÍ, 2003, p. 33). Ao provocar o olhar, o cinema provoca o todo da corporeidade do espectador. É um corpo que assiste ao filme. Corpo que se emociona, que cria vínculos, que recupera memórias, que estabelece vínculos e conexões impossíveis de serem controladas. Ao se ver uma cena pode-se se ver muito além daquilo que a tela expõe. O cinema é, portanto, interpelação, questionamento, obra que nos põe em movimento de reflexão. Reflexão aqui compreendida como esse ato mesmo de voltar-se para si, flexionar-se novamente, dispor-se a rever-se.

Se por um lado a obra de arte evoca o real, ao torná-lo realidade vista sob um determinado “olhar”, gera um deslocamento que remete quem assiste ao filme a outro lugar: o das suas subjetividades, fazendo com que cada pessoa tome o filme como experiência e possibilite voltar a si e fazer um convite ao diálogo. Acredita-se que o filme, enquanto produto cinematográfico, não traduz imediatamente o real de cada estudante de Pedagogia, mas pode permitir um ato de perceber-se a si mesmo e como isso incide no seu agir. Na imagem cinematográfica, graças à simultaneidade de espaço e tempo, o espectador pode se ver.

Bergala assinala o quanto um filme assistido se prolonga na interioridade do espectador:

Os encontros importantes com o cinema são quase sempre com filmes que estão um tempo à frente da consciência que temos de nós mesmos e de nossa relação com a vida. No momento do encontro, nos contentamos em recolher com espanto o enigma e reconhecer o seu impacto, seu poder desestabilizador. O momento da elucidação virá mais tarde e poderá durar vinte, trinta anos, ou toda uma vida. (BERGALA, 2008, p. 61)

Em geral, a formação acadêmica no espaço formal da universidade privilegia as relações estabelecidas entre os pares ciência/técnica e teoria/prática. Ambos produzem:

[...] na primeira alternativa as pessoas que trabalham em educação são concebidas como sujeitos técnicos que aplicam com maior ou menor eficácia as diversas tecnologias pedagógicas produzidas pelos cientistas, pelos técnicos e pelos especialistas, na segunda alternativa estas mesmas pessoas aparece como sujeitos críticos que, armados de distintas estratégias reflexivas, se comprometem, com maior ou menor êxito, com práticas educativas concebidas na maioria das vezes sob uma perspectiva política. (BONDÍA, 2002, p. 20).

Estamos, na esteira de Larrosa (2002), explorando outra possibilidade a partir da jornada (pedagógica) do personagem do filme. A perspectiva existencial e estética, ou seja, este texto privilegia pensar a educação a partir do par *experiência/sentido*. “Experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece” (LARROSA, 2004, p.154). Não o que simplesmente passa. Ou acontece. Mas o que NOS passa, NOS acontece, NOS toca. (LARROSA, 2004).

A experiência, neste texto, toma o sentido que dá Larrosa (2004). Segundo o autor, é antes de tudo um encontro que interpela o sujeito que prova, experimenta. Assim, o sujeito da experiência é um sujeito ex-posto. Ele se expõe pois se permite ir ao encontro e mesmo de encontro com seu próprio pensamento. O filme, ao atravessar, interpela a realidade provocando reflexões e diferentes formas de jornadas rumo ao próprio sujeito produzindo a experiência, transformando o próprio sujeito no processo e olhar para si.

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar. [...] Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marca a travessia, o percurso, a passagem. [...] o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, do estrangeiro, do exílio, do estranho e também o *ex* da existência. (LARROSA, 2004, p. 161).

Enfim, sendo esse sujeito um território de passagem, de encontro consigo, há de se valorizar a experiência produzida na jornada (pedagógica) rumo à formação de si próprio. Valorizar o par *experiência/sentido* é fundamental e o cinema traz uma forte possibilidade desse encontro.

É imprescindível que na formação pedagógica se abram perspectivas para que o assistir a um filme se transforme em oportunidade de, impactados, os futuros professores/pedagogos se deixarem interpelar sobre o que a escola é, realiza e pode ser nas suas histórias e nas dos educandos.

“Na arte filmica, o espectador não só apreende e entende as experiências dos outros como, de uma maneira reflexiva, nota e percebe a sua própria percepção e compreensão” (BUENO, 2015, p. 26).

Lion - uma jornada (pedagógica) para casa

O filme Lion – uma jornada para casa, dirigido por Garth Davis, numa co-produção dos EUA, Austrália e Reino Unido, tem seu roteiro baseado na autobiografia do indiano Saroo Brierley. A história de um menino indiano que se perde da família aos cinco anos, é adotado por um casal australiano, deseja reencontrar seus familiares e volta à Índia após vinte e cinco anos, reatando os fios de seu passado, demonstrando uma perseverança e coragem de existir invejáveis.

É um filme esteticamente pensado para grandes públicos se emocionarem, utilizando-se para isso de imagens e música que colocam o espectador não diante de um divertimento, mas sim de muito sofrimento que pelo sucesso do filme, acaba sendo um entretenimento, o sofrimento do outro como nosso prazer mais secreto. A música que invade as cenas e se harmoniza com os cenários, devolve ao espectador para o drama de Saroo, provocando também a evocação dos seus dramas pessoais. Acompanhar a perda sofrida de Saroo, o abandono social, as oportunidades que se abriram pela adoção, o desejo avassalador de reencontrar os seus familiares indianos é vislumbrar a história de inúmeras crianças que ao longo do mundo experimentam a pobreza em sua face mais cruel, mas é também experimentar um encontro consigo.

Qual a história daquele a quem pretendemos ensinar algo?

A história pessoal deveria ser o ponto de partida para todo e qualquer aprendizado. Somente conhecendo o outro e deixando-se conhecer por ele, numa relação que propicie interação, intimidade, legítima liberdade para a verdade, é que se pode construir uma educação que transforme a sociedade, por transformar tanto o educando quanto o educador. A história de uma criança ou jovem que se nos apresenta para aprender sob os moldes escolares é sempre o contexto imediato sobre o qual se poderá trabalhar e com o qual nossos conteúdos escolares irão ou não dialogar.

Falar sobre si é movimento que exige reflexão, que coloca o aluno, por menor que seja, em contato consigo, que o faz perceber-se em uma gama de relações, que o ajudam a compreender que

sua história é história costurada, amarrada, a tantas outras histórias. O levar para a sala de aula a história pessoal é oportunidade para que o contexto do aluno se expresse por ele mesmo e não somente pelas compreensões e percepções dos educadores a quem, pelo próprio papel que exercem, competirá acolher, discernir, refletir e auxiliar o estudante a situar-se. É a oportunidade de um encontro/experiência.

A apropriação do que é proposto em sala de aula coletivamente é única, singular, tendo tempos e formas de assimilação distintos. O que é proposto em sala de aula tem a possibilidade de atravessar cada sujeito de modos específicos. Produz encontros dos sujeitos consigo mesmo.

Cada um aprende e apreende segundo seus movimentos a despeito de toda a pretensão escolar de se ensinar num sincronismo e simultaneidade. Portanto, se se aprende na singularidade, por que não se compreender e aprender com a singularidade do estudante que se dá a conhecer? Certamente, isso exige mudar planejamentos e objetivos para se ter como grande planejamento e objetivo primeiro fazer-se companheiro do outro, retomando assim a função do pedagogo/professor.

Arroyo alerta para o fato de que a escola tem se submetido às lógicas das avaliações padronizadas externas e isso tem impactado na prática dos professores que tiram o foco dos alunos e incidem apenas na transmissão de competências tendo em vista um sucesso nos exames padronizados (ARROYO, 2013).

A exacerbada valorização dos pares ciência/técnica e teoria/prática, têm desabilitado a experiência. Ora, produz sujeitos com excesso de informação, logo, excesso de opinião. Frequentemente torna a experiência cada vez mais rara por conta da falta de tempo (a informação e as novidades são rápidas e voláteis) e do excesso de trabalho. Em nosso tempo a experiência passa a ocupar o segundo plano porque exige um trabalho interno intenso para que o sujeito consiga tocar algo que o atravesse.

Primeiras aproximações: educandos e experiências familiares

A importância dos vínculos familiares na vida das crianças e adolescentes é inegável. Quem são os membros que compõem as famílias dos alunos de nossas escolas? Como essas famílias se organizam? Quais as suas práticas cotidianas? Como manifestam seus afetos em relação às crianças e adolescentes? Por mais que as maneiras de se organizar e acompanhar a vida dos alunos não se

coadune com as idealizações pedagógicas acerca da parceria família-escola, é preciso conhecer os vínculos que estão fundando a vida afetiva dos estudantes.

Saroo, ainda menino, experimenta uma relação de intenso afeto pela mãe, pelo irmão e pela irmã. Esse afeto se traduz em gestos de generosidade, de cuidado, de esforço, de colaboração. Esse vínculo faz com que, quando perdido do irmão, ele deseje intensamente reencontrar sua família. Desejo que permanece mesmo após a adoção e a vivência em um país com condições sociais mais condignas.

Nenhuma criança é um papel em branco que chega à escola. Ela chega trazendo não somente a si, mas a todos que com ela estão evidenciando as marcas que nela deixam. Parolin recorda que

Quando a criança entra na escola, ela passa a viver sob outros contratos, estabelece outras relações, submete-se a outras regras e convive a partir do que já construiu em sua vida afetiva. Reconhecer emoções como parte do ato de aprender e identificar a reciprocidade entre afetividade e inteligência como um agente interativo á atividade de construir conhecimento, é essencial para que nós educadores possamos planejar e administrar uma ação verdadeiramente educativa (PAROLIN, 2007, p. 74).

O olhar do pedagogo/professor para os vínculos familiares amplia o horizonte da compreensão do ensino-aprendizagem. Quem ensina também leva consigo os seus, mas quem aprende, o faz a partir de múltiplas referências de uma educação informal, traduzida em práticas do lar, afirmadas por ações que, muitas vezes, contrariam os parâmetros morais que se tentam impôr sobre as camadas mais populares.

Também na escola os vínculos familiares poderiam ser fortalecidos, reafirmados, burilados. Mas para que isso aconteça é preciso que o pedagogo/professor assuma que na escola não se trabalha com a família nuclear patriarcal do passado, mas sim com inúmeras configurações, com arranjos surpreendentes e curiosos, mas que demonstram que a vida de uma criança faz com que aconteça uma grande movimentação dos adultos. Saroo incita o espectador pedagogo/professor a buscar mais sobre a família de seus educandos. A quem estão unidos os alunos que chegam às nossas salas de aula?

Lion questiona o lugar da pobreza e dos pobres na escola. Há apenas uma referência à Educação Formal do pequeno Saroo. Ela se dá quando se apresenta o internato onde Lion e centenas de crianças estão confinadas. Os diálogos nesse espaço institucional apontam para o sofrimento, as práticas revelam convivência de adultos com a exploração de crianças para trabalho

ou outros fins, a postura do professor evidencia um sistema de ensino massificador e excludente. Ali, naquele internato estão os pobres que, apesar de terem ciência do quanto o lugar é ruim, cultivam a esperança num lamento que afirma que “todas as estrelas surgiram à procura da lua, as desafortunadas saem às ruas, as estrelas saíram em busca da lua, saíram à busca do ladrão...”

A pobreza e os pobres estão presentes durante todo o filme, permitindo ao estudante de Pedagogia ou aos professores e pedagogos se questionarem sobre como essa temática e seus sujeitos são tratados no ambiente escolar. A educação, ao longo da história, foi privilégio de camadas abastadas da sociedade. A partir da compreensão do direito à educação numa perspectiva democrática, os pobres começaram a ter acesso à escola, entretanto, os pobres, muitas vezes, são invisibilizados neste ambiente. Não é suficiente assegurar o direito à educação se não se assegura a permanência dos pobres na escola e se não se garante uma educação de qualidade e assim garantir uma verdadeira democratização da escola. (LUCKESI, 2011).

A presença dos pobres na escola explicita o quanto os conteúdos escolares, organizados por propostas curriculares, não os contemplam. A escola caricaturiza o pobre seja no livro didático, seja na sua acolhida no cotidiano escolar, quando profissionais e materiais não permitem que esses sujeitos exponham suas realidades e as confrontem com o universo asséptico das teorias. Grande parte da evasão escolar dos empobrecidos se deve ao fato de perceberem que estão em um ambiente em que não se dialoga sobre suas histórias e contextos sócio-político-econômicos. A formação pedagógica é interpelada pelo filme *Lion*, pois ao se acolher os pobres em sala de aula é preciso rever as metodologias, as propostas, os conteúdos.

Miguel Arroyo chama atenção para o fato de que o currículo escolar é genérico e não contempla os sujeitos em suas identidades:

A chegada de milhões de crianças, adolescentes, jovens e adultos às escolas, carregando vivências de ambientes precarizados, pressionam os currículos a repensarem os conhecimentos sobre o espaço. Nas concepções de espaço predominantes nos currículos, nem sempre há lugar para essas vivências tão fragilizadas dos lugares da pobreza. As noções que os currículos atuais privilegiam são genéricas, globais, distantes da diversidade de vivências do espaço, da diversidade de coletivos sociais, ou seja, sem sujeitos concretos. (ARROYO, 2014, p. 29)

Não se promove e se favorece a emancipação sem se verbalizar sobre a realidade de injustiça que retira de inúmeras crianças e jovens oportunidades de um futuro digno. Talvez, por

isso, muitos alunos continuem a ouvir como mera demagogia dos professores a afirmação de que o futuro deles depende do conhecimento assimilado na escola.

Nesse sentido, há profissionais da educação que, sensíveis às questões da pobreza, fazem o contexto de seus alunos emergir no cotidiano das aulas. Entretanto, por falta, de um arcabouço teórico que pudesse orientá-los para uma leitura da realidade que vise à transformação, acabam por tocar no assunto, mas penetrando em um círculo vicioso de olhar para o contexto e sentir-se imobilizado, sem vislumbrar ações que pudessem romper com os mecanismos de exclusão. Trazer a realidade dos alunos para as aulas é imprescindível, entretanto, exige também que se faça ali uma leitura crítica, pois, caso contrário, experimenta-se apenas algum nível de catarse pela fala, mas não há posicionamento coerente com a práxis.

Diante do acima exposto, revela-se necessária uma formação contínua dos profissionais da educação que contemple a discussão crítica sobre o fenômeno da pobreza na sociedade brasileira, em geral, e no contexto da escola, em particular. Formação que produz experiência nos profissionais diante dos desafios.

Como na escola se tem pessoas com formações acadêmicas diversas e nem todas tiveram a oportunidade de refletir criticamente sobre a questão da pobreza, os momentos de formação podem ser oportunidades se tentar sanar essa lacuna. Interessante notar que todos nós, atuais profissionais da educação, também experimentamos um currículo que invisibilizou os pobres, e assim, para muitos permanece difícil enxergar aquilo que anos de estudo não facultou perceber.

Seria muito importante para nossas escolas montar um currículo alicerçado sobre a questão da pobreza. Um currículo que tivesse esse mote como guia orientador dos conteúdos em sala, das práticas cotidianas, das decisões dos gestores, dos mecanismos de diálogo com as famílias e comunidades. Acerca disso, Arroyo alerta:

Construir currículos que garantam o direito dos(as) alunos(as) pobres a entenderem sua condição de pobreza não é tarefa simples, uma vez que os conhecimentos dos currículos continuam cultuando um conhecimento abstrato e conceitual que ignora, sobretudo, os sujeitos sociais e suas experiências. Relacionar currículo e pobreza exigirá aproximar os conhecimentos daquele com as experiências sociais da pobreza, com os sujeitos individuais e coletivos que as vivenciam; demandará colocar em diálogo suas indagações sobre a pobreza, suas causas, sua produção histórica com as indagações históricas que os conhecimentos dos currículos condensam. (ARROYO, 2014, p. 20)

Ao desvelar os contrastes sociais de uma Índia marcada por questões religiosas, por diversidade cultural, por centenas de dialetos, Lion faz com que os futuros pedagogos/professores sejam confrontados com os contrastes da realidade brasileira. Dessa forma, fica muito claro como o cinema consegue fazer com que o olhar do espectador seja novamente remetido para sua interioridade, oportunizando que se vislumbrem as reações que se tem diante das desigualdades sociais. O contraste proposto pelo filme entre a realidade de pobreza da Índia e a vida promissora na Austrália – belamente harmonizado por uma fotografia impecável – sinaliza como Saroo será exposto a uma nova realidade.

O garoto indiano encaminhado para adoção, vestindo já no avião um moletom da Tasmânia, ilha em que residirá, abre perspectiva para que o espectador sintetize aquilo que será a grande angústia de Saroo: alguém desterrado dos seus. É fácil captar as concepções de infância. É possível ver Saroo como o adulto em miniatura que, apesar da tenra idade, assume ações típicas do cuidado da casa, dos irmãos e deseja assegurar o sustento da família. Oscila-se também entre a compreensão da ingenuidade da criança e a necessidade de moralizar seus comportamentos. O cuidado de preparar as crianças para as famílias adotivas é singular.

A figura do casal australiano que adota Saroo, particularmente a mãe, Sue Brierley, exemplifica a compreensão da infância como sujeito de direitos. Os pais adotivos tratam Saroo e Mantosh (segundo garoto indiano adotado pelo casal) como amigos. A escolha pelos meninos indianos faz com que o casal se aventure na construção de uma relação em que a criança é sujeito a ser respeitado e compreendido e, apesar de qualquer dificuldade no comportamento, merecedor de um legítimo amor, que ultrapassa perspectivas moralistas dos afetos. Mantosh personifica os desafios de uma educação verdadeiramente inclusiva. A afirmação de Sue acerca daquele que, por vezes, era considerado por Saroo como uma infelicidade na vida do casal australiano, explicita sua visão sobre o potencial presente em toda pessoa que apresenta uma necessidade especial de aprendizagem.

Lion também interpela a Pedagogia em relação aos conteúdos curriculares. Saroo serve-se da oportunidade concedida pela adoção e destaca-se como jovem promissor, aos moldes ocidentais. A independência em relação aos pais, o rompimento dado em função do início da faculdade, mostram um Saroo aparentemente amadurecido, mas que carrega consigo a eterna criança abandonada, com uma coragem leonina para buscar seus laços. É no contato com os novos colegas

de faculdade, de uma faculdade que se propõe como lugar de realização dos sonhos, que Saroo retoma o desejo de buscar suas raízes.

Saroo, o filme bem o mostra, envolve-se de tal maneira naquilo que é o seu desejo primordial que é capaz de canalizar todos os seus conhecimentos para tentar construir estratégias que lhe permitam reencontrar a família. As inúmeras cenas de suas pesquisas no Google earth, as formulações matemáticas de velocidade dos trens, a organização cartográfica dos dados, evidenciam um jovem Saroo que mergulha profundamente, e, talvez, por isso mesmo, até à depressão, no afã de solucionar aquele que é o único e legítimo enigma de sua história. O filme traz, portanto, essa interpelação acerca do desejo de estudar e do que está no foco de interesse do aluno. A antiga pergunta permanece: “Qual conhecimento deve ser ensinado?”. A partir de Lion, a resposta seria: “Aquele que reconduza a pessoa à integração consigo e com os outros!”. O objetivo pessoal é realmente a força motriz para conduzir uma pessoa pela longa estrada do aprendizado.

Seria a escola um possível lugar de religação? Considerando que na atualidade grande parte dos alunos chega à escola com várias fissuras em suas narrativas pessoais, com realidades fragmentadas que tendem a uma difícil percepção integral de si mesmo, Lion estimula a compreensão de que todo conteúdo escolar tem por finalidade primeira e meta última favorecer que o estudante se torne “senhor de si”. Um senhorio que se sustenta numa autonomia reflexiva, que alicerça seus argumentos na assimilação dos conteúdos historicamente acumulados, mas que os revê constantemente, percebendo sua validade ou não diante da realidade dos contextos. O conhecimento, se proposto a partir de objetivos que se vinculem aos desejos dos estudantes, certamente, pode tornar-se aventura frutífera.

Miguel Arroyo, ao comentar sobre a necessidade de “outras pedagogias” para atender os “outros sujeitos” que se apresentam à escola, aponta para os paradoxos enfrentados pelos docentes. Assim diz Arroyo:

Quantos docentes no convívio diário com essas infâncias/adolescências percebem que o problema é mais profundo, que lutam por sobreviver, que se debatem pelo primeiro dever humano: viver carregando vidas/corpos tão precarizados. Que carregam indagações seríssimas sobre esse mal-viver. Quantos docentes/educadores(as) estão superando dicotomias e percebem que os(as) educandos(as) vão à escola à espera de alguém que os ajude a interpretar seu viver, sua condição de fora de lugar, à procura de ser tratados como humanos. De alguém que os ajude a saber-se lutando por ser humanos. (ARROYO, 2014, p. 255-256)

Entretanto, apesar de todo o esforço de Saroo, surpreendentemente, será o acaso a dar um toque para que ele se conecte com o passado. Todo pesquisador bem o sabe, mas importa que os professores o assimilem realmente, que, apesar de todas as metodologias utilizadas, nem sempre o objeto de estudo se configura aos nossos moldes, instrumentos e técnicas. Saber que o aprender pode contar com o acaso é despertar-se para o fato de que o conhecimento pode se dar em qualquer circunstância, momento, etapa. Há que se questionar que espaço a escola reserva para a espontaneidade, para o imprevisto e o imprevisível, para a criatividade. Conhecimento não é mera repetição, portanto, exige forte dose de coragem para arriscar-se em busca de uma verdade.

Ainda em relação aos conteúdos escolares, *Lion* é um filme que questiona sobre nossas formas de avaliar os estudantes. Como se pode avaliar aquele a quem desconhecemos? Como avaliar a luta e o empreendimento pessoais colocados cotidianamente em prova para se sobreviver? Como avaliar o sucesso do aprendizado se não houver verdadeira integração da pessoa com a sua história e o mundo que o circunda? Em várias cenas o filme mostra como há uma tendência de se avaliar o outro a partir de critérios muito subjetivos. Muitas vezes, é um adulto que olha para a criança e diz o que ela pode ou não ser, sem sequer compreender que aquela criança pode sim dizer de si. Saroo, tem uma visão de si extremamente forte, calcada sobre a certeza de que é capaz, mesmo que, em alguns momentos, tudo pareça caminhar para o fracasso. E o espectador acompanha o protagonista em sua jornada de retorno à casa.

Por fim, e não menos importante, *Lion* interpela sobre o narrar. Não se trata de uma listagem de episódios com menções a personagens, locais ou emoções. Narrar é, acima de tudo, interpretar uma determinada realidade. Ao se perceber a narrativa de *Lion* outras narrativas se iniciam nos espectadores, criando pontos de conexão com suas histórias pessoais, com seus estudos, tecendo novas narrativas. Educação é, por excelência, exercício de narratividade. Portanto, ao futuro professor/pedagogo compete exercitar a arte de narrar, procurando envolver-se com os seus, evidenciando que narrador e ouvinte se entrelaçam pelo texto, juntam vozes, comunicam-se, dialogam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência estética de assistir a um filme abre inúmeras possibilidades de reflexão. Acredita-se que a aproximação entre cinema e Pedagogia possibilita interpelações diversas em relação ao papéis da escola, do professor e do pedagogo na atualidade, tendo sempre em vista o educando, pessoa que se dispõe ou é disposta a experimentar a escola.

O filme *Lion* abre perspectivas de reflexão em torno de vários conteúdos estudados ao longo do curso de licenciatura em Pedagogia. Por isso, conforme pode se perceber ao longo do artigo, “*Lion – uma jornada para casa*”, é um filme cuja narrativa pode ser considerada uma jornada pedagógica. Por ele se sensibiliza o olhar para acolher a experiência da educação a partir da criança/adolescente, com seus contextos, dificuldades, conhecimentos, fragilidades.

Temas como currículo, avaliação, alfabetização, didática, infância, educação especial, metodologias do ensino das diversas disciplinas, podem ser enriquecidos se retomados sob o olhar cinematográfico que faz com que o espectador volva seu olhar do cinema para sua própria experiência ou em direção à futura experiência na educação. Se em *Lion* essas temáticas não vêm explícitas, permitem ainda mais ao espectador deixar-se tocar pelas cenas e criar vínculos jamais imaginados pelos produtores do filme. Assim a obra de arte revela sua eterna capacidade de renovar-se quando observada por alguém.

Com as interpelações aqui suscitadas não se pretende esgotar o potencial do filme *Lion* nem tampouco condicionar olhares. A cada novo olhar outras questões poderão interpelar o espectador, fazendo-o mover-se, provocando-o a posicionar-se, sacudindo-o na sua interioridade para que possa colocar-se no mundo com a disposição de re-construir suas próprias jornadas pessoais nos trilhos que a vida nos presenteia. *Lion* interpela, acima de tudo, sobre a força de uma identidade – quem sabe de um nome, o nome de cada um, de cada uma...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO, Miguel G. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
_____. *Currículo, território em disputa*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Módulo IV – Pobreza e currículo: uma complexa articulação. In: *Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2014.

BERGALA, Alain. *A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink, 2008.

BUENO, Rodrigo P. Moura. *O ser das imagens em movimento: cinema e ontologia na filosofia de Maurice Merleau-Ponty*. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

CARVALHO, Janete Magalhães (Org.). *Cinema e formação de professores e currículos e...* Curitiba: CVR, 2017.

CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, A. (Org.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 31-63.

DUARTE JÚNIOR, J. F. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

RODRIGUES, Larissa Ferreira. *Entre imagens cinema e imagens escola, movimentando o pensamento com a formação de professores*. Tese (Doutorado em Educação). Vitória: UFES/ CE/ PPGE, 2015.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: LARROSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PAROLIN, Isabel. *Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem*. Curitiba: Positivo, 2007.

XXX (Org.). XXX. São Paulo: Clube de Autores, 2013.

XXX. XXX. In: TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; LOPES, José de Sousa Miguel (Org.). *A família vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 167-185.

TEIXEIRA, Inês Assunção Castro; LOPES, José de Souza Miguel (Org.). *A escola vai ao cinema*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOBROZA, Márcio Colodete. *O sentido de ser professor de educação física pelos “modos de ser sendo junto ao outro no mundo” perverso-fascista e democrático: a vivência real & no filme “Mãe Educação”*. Tese (Doutorado em Educação). Vitória: UFES/ CE/ PPGE, 2013.